



Em busca da igualdade

• Pesquisa ainda aponta rendimento salarial diferenciado entre homens e mulheres

Hoje é comemorado o Dia Internacional da Mulher e, em pleno século 21, muito ainda precisa ser feito para que a igualdade de direito entre os sexos seja atingida. Em pesquisa divulgada essa semana, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) constatou que, apesar da presença feminina no mercado ter crescido 56,4% no ano passado, os salários das trabalhadoras não seguem a igualdade salarial estabelecida pela Constituição Federal.

De acordo com o levantamento, que abrange a região metropolitana de São Paulo, o rendimento médio real por hora das mulheres ocupadas corresponde a R\$ 5,76, valor que equivale a 76,4% do atribuído aos homens (R\$ 7,53). Em Juiz de Fora, a última pesquisa divulgada pelo Ministério do Trabalho refere-se ao ano de 2007. Os números mostram que a remuneração média dos homens é de R\$ 564,77, enquanto as mulheres recebem R\$ 511,63.

Na visão da professora universitária, que é mestre em História e Sociologia, Elaine Laier, a desigualdade entre os gêneros sempre existiu, sendo considerada natural na maioria das culturas. Mas, na verdade, trata-se de algo criado ao longo da história do ser humano.

De acordo com a professora, na medida em que

foi aberto espaço para as trabalhadoras, a inferiorização do sexo feminino foi incorporada pelo mercado.

— Elas trabalhavam na mesma proporção que os homens, ganhavam menos e ainda precisavam cuidar da casa — relata.

LIBERAÇÃO SEXUAL

Elaine cita a pílula anticoncepcional como avanço histórico para o acesso feminino ao mercado. Com sua criação, as mulheres puderam deixar de ser vistas apenas como procriadoras. No entanto, a Igreja Católica, por exemplo, insiste em condenar seu uso. Postura como essa, na visão da profissional, reforça a manutenção de uma sociedade patriarcal.

Apesar dos avanços, a professora acredita que o mundo permanece em fase de transição quanto ao estabelecimento de direitos iguais entre os sexos.

Para Elaine, o Brasil vem acompanhando a evolução acerca do tema no ritmo da maioria dos países ocidentais. No entanto, ela acha



LUIZ CARLOS DUARTE

• Para Elaine, pílula ajudou mulher no mercado de trabalho

que ainda serão necessárias algumas décadas para que equidade seja atingida.

— Não são apenas os homens que impõem esse tipo de pensamento. Há mulheres que concordam com essa postura e a repassam, por exemplo, aos seus filhos — nota.

QUESTIONAMENTO

Na percepção de Elaine, falta incentivo ao desenvolvimento de um senso crítico, em que os preconceitos sejam questionados. E isso, segundo ela, pode ser conquistado por meio de po-

líticas educacionais que combatam essa postura.

Elaine salienta também a existência de outros problemas recorrentes que afetam as mulheres. É o caso do assédio moral e sexual, enfrentado nos ambientes de trabalho. Fato, na visão dela, vinculado, muitas vezes, à postura de quem está na direção da instituição para qual elas prestam seus serviços.

— Em uma instituição que tenha à frente um homem com valores atuais e pós-modernos, provavelmente a mulher não sofrerá esse tipo de assédio.

Evento discute papel do jovem advogado

Com o objetivo de mostrar o trabalho realizado pela OAB e esclarecer dúvidas sobre a instituição, a comissão da OAB Jovem de Juiz de Fora, promove entre terça e quinta-feira, Ciclo de palestras com o tema “O jovem advogado frente à advocacia atual”. O evento será realizado na sede da OAB, localizada na Avenida dos Andradas, 696. As inscrições podem ser feitas nas salas da OAB dos fóruns Estadual e Trabalhista.

— Basta que os interessados tragam documento de identidade e 1kg de alimento não perecível e paguem a taxa de R\$ 10 — explica Athos Rocha, presidente da Comissão da OAB Jovem da cidade.

PROFISSIONAIS

Aberto a todo o público, em especial aos advogados e acadêmicos de Direito, o evento contará com palestras de profissionais em Advocacia, como Marcus Lima Moreira, Miriano Henriques de Oliveira, Wagner Policeni Parrot, Marcio Luiz de Oliveira. Presença confirmada também dos advogados Paulo Roberto de Gouveia Medina e Luiz Fernando Valadão Nogueira.

Após a finalização dos ciclos educativos, um certificado de 15h aula será entregue aos acadêmicos participantes.

Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 3690-5900.

Debates seriam positivos

A diretora de mulheres da União Nacional dos Estudantes (UNE), Ana Cristina Pimentel, afirma que, nas universidades brasileiras, os cursos com maior número de mulheres são aqueles relacionados à reprodução e ao cuidado. Entre eles, estão Pedagogia, Enfermagem e Serviço Social. Já os homens são maioria em graduações denominadas de produção, como Química e Engenharia.

— Essas profissões tendem a ser menos valorizadas. Quando, na verdade, são tão importante quanto as outras.

Ainda, de acordo com Ana, em cursos onde a maioria dos acadêmicos são do sexo

masculino, as estudantes tendem a ser desqualificadas em sala de aula, com críticas e deboches.

Ana chama atenção para o fato de muitas faculdades não abrirem espaço para discussões sobre o tema.

— Algumas universidades possuem núcleos de gêneros que chegam a promover seminários e debates sobre o tema — diz.

A UFJF, como aponta Ana, está entre as instituições que poderiam incentivar mais esse tipo de discussão.

— Acontece apenas por iniciativa de alguns professores e alunos.